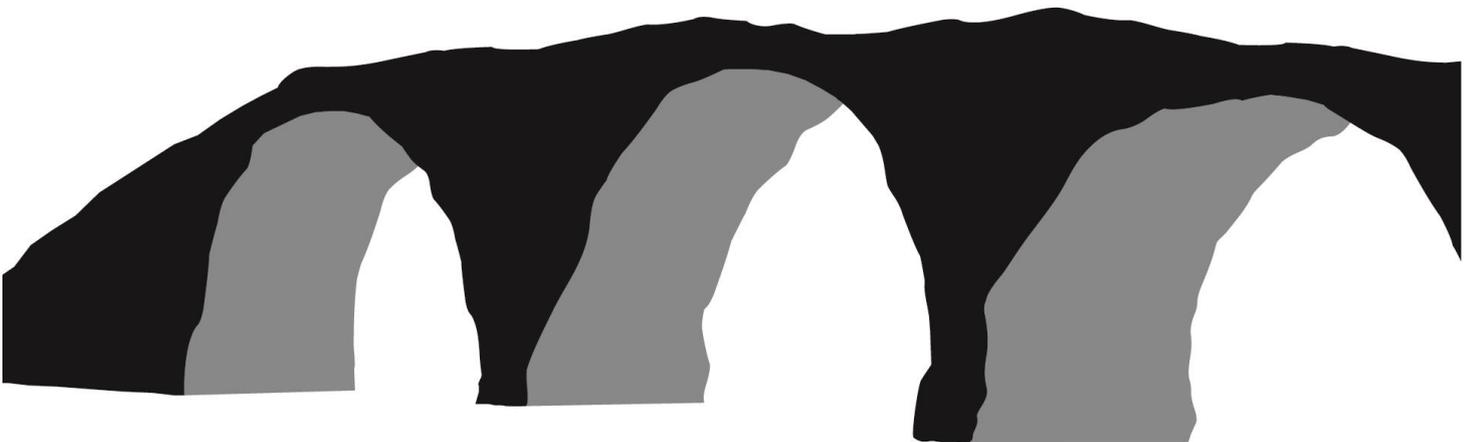


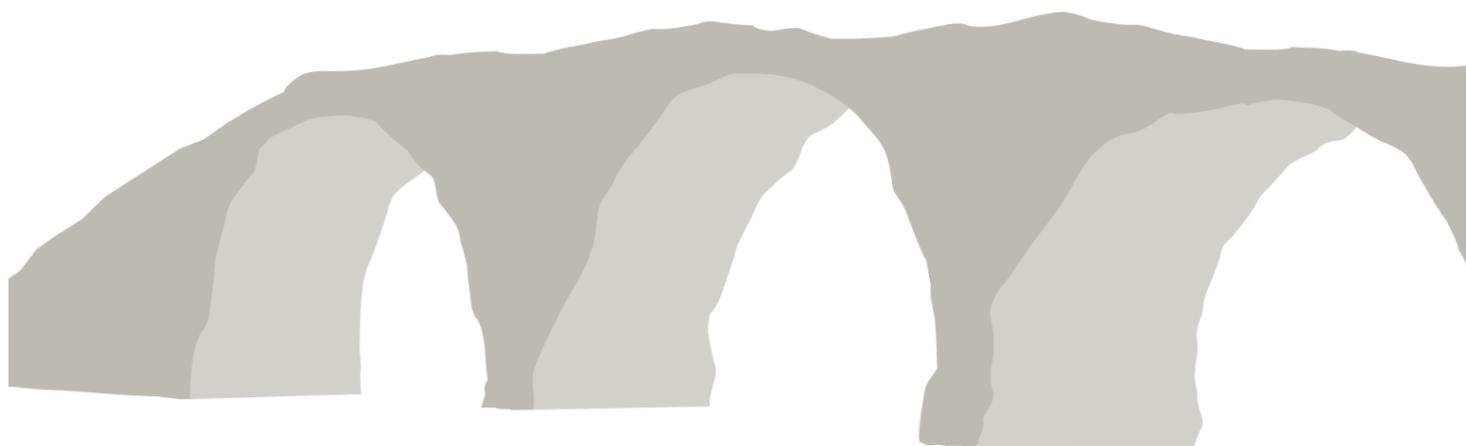
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 12 | Número 2 | Julho – Dezembro 2018
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

ARQUEOLOGIAS DE FUTUROS E PRESENTES EMERGENTES

ARCHAEOLOGIES OF EMERGENT PRESENTS AND FUTURES

Rodney Harrison





Data de recebimento: 05/11/2018.

Data de aceite: 14/12/2018.

ARQUEOLOGIAS DE FUTUROS E PRESENTES EMERGENTES¹

ARCHAEOLOGIES OF EMERGENT PRESENTS AND FUTURES

Rodney Harrison²

RESUMO

Este artigo traça a genealogia do subcampo que ficou conhecido como “arqueologia do passado contemporâneo” e argumenta por sua maior integração com o campo expandido da arqueologia histórica. Um dos desafios centrais da arqueologia nas próximas décadas será encontrar um modo de se engajar com fenômenos emergentes, contemporâneos e sócio materiais e, conseqüentemente, com questões – tanto contemporâneas quanto futuras – de interesse ecológico, social, político e econômico. Partindo do quadro de um novo projeto de pesquisa interdisciplinar, colaborativo e internacional – Futuros do Patrimônio – que procura compreender os processos material-discursivos do patrimônio e de outros campos similares como formas distintas de práticas de construção de futuros (*future-assembly*) através da aplicação de um conjunto de métodos arqueológicos etnográficos, o artigo conclui que o potencial para um campo expandido da arqueologia histórica reside na sua habilidade de engajar-se com *futuros emergentes* através de arqueologias etnográficas que estejam sintonizadas com aspectos sociomateriais dessas (e de outras) práticas de construção de futuros (*future-assembly*).

Palavras-chave: Patrimônios, Futuros, Métodos arqueológicos etnográficos.

¹ Publicado originalmente na revista *Historical Archaeology* 50 (3), em 2016. O artigo foi gentilmente cedido para publicação na Revista Vestígios por cortesia da Society for Historical Archaeology, por intermédio de Christopher N. Matthews (editor da revista) e do autor. Traduzido por Mariana Petry Cabral.

² Professor de ‘Heritage Studies’. UCL Institute of Archaeology. AHRC Heritage Priority Area Leadership Fellow. Endereço eletrônico: r.harrison@ucl.ac.uk.

RESUMEN

Este artículo traza la genealogía del subcampo que es conocido como "arqueología del contemporáneo" y argumenta por su más amplia integración con un campo expandido de la arqueología histórica. Uno de los retos para la arqueología en las próximas décadas será encontrar un camino para involucrarse con fenómenos sociomateriales contemporáneos emergentes y, adelante, con cuestiones de interés económico, político, social y ecológico, tanto de lo contemporáneo y del futuro. Partiendo del cuadro de un nuevo proyecto de investigación interdisciplinaria, colaborativa e internacional - Futuros del Patrimonio - que busca comprender los procesos material-discursivos del patrimonio y de otros campos similares como formas distintivas de prácticas de construcción de futuros a través de la aplicación de un conjunto de métodos arqueológicos etnográficos, el artículo concluye que el potencial para un campo ampliado de la arqueología histórica reside en su habilidad de involucrarse con futuros emergentes a través de arqueologías etnográficas que estén sintonizadas con aspectos socio materiales de esas y de otras prácticas de construcción de futuros.

Palabras clave: Patrimonio, Futuros, Métodos arqueológicos etnográficos.

ABSTRACT

This article traces the genealogy of the subfield that has become known as the "archaeology of the contemporary past" and argues for its more thorough integration with an expanded field of historical archaeology. One of the central challenges for archaeology over the coming decades will be to find a way to engage with emerging, contemporary, sociomaterial phenomena and, hence, with issues of both contemporary and future ecological, social, political, and economic concern. Drawing on the framework for a new internationally collaborative, interdisciplinary research project, Heritage Futures, that seeks to understand the material discursive processes of heritage and other heritage-like fields as distinctive forms of future-assembling practices through the application of a range of archaeological ethnographic methods, the article concludes that the potential for an expanded field of historical archaeology lies in its ability to engage with emergent futures by way of archaeological ethnographies that are attuned to the sociomaterial aspects of these and other future-assembling practices.

Keywords: Heritage, Futures, Archaeological ethnographic methods.

INTRODUÇÃO

Ao longo da última década, a arqueologia do passado recente e do “passado contemporâneo” desenvolveu-se pelos seus próprios meios como um subcampo discreto da arqueologia histórica mais recente e está começando a ter um impacto distintivo e significativo tanto teórica quanto metodologicamente dentro do campo da arqueologia e de outras disciplinas acadêmicas de modo mais amplo. No entanto, com algumas exceções dignas de nota, esse subcampo desenvolveu-se amplamente de modo independente da arqueologia histórica anglófona, com a qual ele pode compartilhar pelo menos fronteiras temporais, se não o potencial de fazer importantes contribuições intelectuais. Com isto em mente, este artigo oferece uma breve introdução a este subcampo emergente e alguns argumentos para sua melhor integração com a arqueologia histórica de modo mais amplo. Em seguida, parto para (o que eu acredito que seja) um dos maiores desafios da arqueologia para as próximas décadas, isto é: como a arqueologia irá lidar com fenômenos sociomateriais contemporâneos, *emergentes*, e, portanto, com questões de interesse econômico, político, social e ecológico, tanto contemporâneas quanto futuras. Ao fazer isso, eu parto do quadro de um projeto de pesquisa novo, interdisciplinar e com colaborações internacionais, Futuros do Patrimônio, que procura compreender os processos material-discursivos do patrimônio e de outros campos similares como formas distintas de práticas de construção de futuros, através da aplicação de um conjunto de métodos arqueológicos etnográficos. Este artigo se posiciona em relação a um conjunto de proposições recentes de arqueólogos, p.ex., González-Ruibal (2006, 2008, 2013), Dawdy (2009, 2010), Harrison (2011); artigos em Wurst & Mrozowski (2014); e de antropólogos, p.ex., Rabinow *et al.* (2008), Rabinow (2008, 2011), e Appadurai (2013), para desenvolver um engajamento antropológico crítico tanto com o contemporâneo (definido não apenas como temporal, mas também como um domínio espacial e ontológico [Harrison *et al.* 2014]), quanto com os futuros que são produzidos através dos engajamentos práticos dos arqueólogos. Eu concluo, talvez de modo contra intuitivo para uma disciplina que por definição é interessada essencialmente no “passado”, que o potencial para um campo expandido da arqueologia histórica reside na sua habilidade de engajar-se com *futuros emergentes* através de arqueologias etnográficas que estejam sintonizadas com os aspectos sociomateriais dessas práticas de construção de futuros.

ARQUEOLOGIAS DO PASSADO CONTEMPORÂNEO

Eu inicio este artigo com uma breve revisão histórica da emergência do subcampo que se tornou conhecido como “arqueologia do passado contemporâneo”, o que vai servir como pano de fundo para a questão de por que esse subcampo não obteve muito interesse do subcampo adjacente temporalmente, que é a arqueologia histórica como praticada nos contextos anglófonos de modo mais amplo. A historiografia desse subcampo foi tratada em detalhe em outros lugares, p. ex., Hicks (2010) e Fewster (2013). Eu vou seguir particularmente os relatos publicados em Harrison & Schofield (2010), e Harrison (2011), para oferecer aqui um breve esboço. Meu foco está especificamente na sua emergência dentro dos contextos anglófonos, porém eu também vou comentar brevemente sobre vários paralelos em outras tradições regionais ao final desta seção.

Como observa Buchli (2007:115), arqueólogos e antropólogos há muito tempo têm se interessado pela cultura material contemporânea. No entanto, foi o interesse na etnoarqueologia, dentro da Nova Arqueologia, que formou a base para aquela que é geralmente reconhecida como a primeira publicação formal de arqueologia do passado contemporâneo (Graves-Brown, 2000a:2; Buchli & Lucas, 2001a:3; Buchli, 2007:115), intitulada *Modern Material Culture Studies*³ (Rathje, 1979) e *Modern Material Culture: The Archaeology of Us*⁴ (Gould & Schiffer, 1981). Porém, há alguns trabalhos anteriores importantes, como Redman (1973) e especialmente Salwen (1973) e Leone (1973). Essas publicações surgiram a partir da pesquisa desenvolvida por Schiffer e Rathje, na Universidade de Tucson (Arizona, EUA), e paralelamente por Gould na Universidade do Havaí (Havaí, EUA), na década de 1970. Enquanto a maior parte das pesquisas etnoarqueológicas estava sendo realizada com comunidades que usavam tecnologias tradicionais em ambientes contemporâneos, os programas desenvolvidos em Tucson e no Havaí, e pelos colaboradores de *Modern Material Culture*, eram amplamente envolvidos com descrições e análises de culturas materiais contemporâneas em sociedades modernas e industrializadas.

O provocativo artigo de Rathje, “*Modern Material Culture Studies*”, esboçou uma agenda ambiciosa para o desenvolvimento de uma arqueologia da cultura material contemporânea. Ele sugeriu que a arqueologia deveria ser definida como o estudo das “interações entre cultura material e comportamento ou ideias humanas, independente de tempo ou espaço” (Rathje, 1979:2). Deste modo, a pesquisa sobre o passado recente ou o presente seria tão válida para os arqueólogos quanto realizar pesquisa sobre um passado remoto. Ele antecipou que “a arqueologia de hoje” (Rathje, 1979:4) poderia trazer contribuições para o ensino e o teste de princípios arqueológicos, e para o desenvolvimento de modelos que relacionem sociedades do presente com sociedades do passado. Além disso, nós arqueólogos deveríamos olhar para ela como um tipo de “arqueologia de resgate” da vida contemporânea, contribuindo para lidar com elementos que podem se tornar futuras lacunas de conhecimento, já que o registro arqueológico e material da vida contemporânea está sendo destruído na nossa volta. Para Rathje, estudos de cultura material e moderna representaram “um último passo na transformação da arqueologia em uma abordagem unificada e holística para o estudo da sociedade e de seus produtos materiais” (Rathje, 1979:29).

Apesar disso, por muitos anos, trabalhos como este permaneceram idiossincráticos em termos de seu foco arqueológico no presente. Essa eflorescência inicial de pesquisa norte-americana sobre a arqueologia da cultura material moderna, no geral, não foi seguida por outros projetos de pesquisa. Enquanto as pesquisas de Rathje (Rathje, 1991, 2001; Rathje & Murphy, 1992), Gould (1980, 2007), e Schiffer (1991, 2000) tiveram continuidade, e, de fato, os três pesquisadores estabeleceram seu lugar central no desenvolvimento de método e teoria arqueológica na América do Norte, muito da etnoarqueologia produzida durante os anos 1980 e início dos 1990 permaneceu focada em formas tradicionais de tecnologia e no uso de modelos etnoarqueológicos para a explicação da mudança cultural no passado (veja, por exemplo, David & Kramer [2001]).

No entanto, um interesse em enfoques arqueológicos sobre o passado contemporâneo reemergiu entre arqueólogos “pós-processualistas” britânicos nos anos 1980. Por exemplo, Hodder (1987) realizou um estudo do significado social de gravatas-borboleta em uma fábrica contemporânea de ração para animais domésticos, usando como um estudo de caso para modelar a relação entre práticas sociais, cultura material e significado nas

³ (Nota da tradutora- N.T.) Estudos de Cultura Material Moderna.

⁴ (N.T.) Cultura Material Moderna: A Arqueologia de Nós.

sociedades humanas. De modo similar, em *Reconstructing Archaeology*⁵, Shanks & Tilley (1992) também exploraram a cultura material contemporânea através de um estudo sobre o design de latas de cerveja suecas e inglesas. Na introdução a este estudo de caso, eles criticam os autores de *Modern Material Culture* por serem muito empiricistas nas suas abordagens, sugerindo que eles “falharam em perceber o potencial do estudo da cultura material moderna como uma intervenção crítica na sociedade contemporânea... com intenções transformativas” (Shanks & Tilley, 1992:172). Além dos estudos pós-processuais específicos de cultura material contemporânea, outro aspecto importante do pós-processualismo no desenvolvimento da arqueologia do passado contemporâneo foi o modo como ele alterou o olhar arqueológico sobre o próprio processo de “fazer” arqueologia, através da ênfase na arqueologia como um engajamento crítico com a produção do passado no presente.

Demorou mais de uma década para a publicação de dois livros essenciais que se tornaram centrais para o estabelecimento da arqueologia do passado contemporâneo como uma subdisciplina no mundo anglófono: *Matter, Materiality and Modern Culture*⁶, editado por Paul Graves Brown (2000b), e *Archaeologies of the Contemporary Past*⁷, editado por Victor Buchli e Gavin Lucas (2001b). Os dois volumes são parte de uma mudança significativa de orientação do foco etnoarqueológico de trabalhos mais antigos sobre arqueologia do passado contemporâneo para um foco mais específico na vida contemporânea que caracteriza esse subcampo. Esses dois livros estabeleceram temas centrais que vieram a caracterizar a arqueologia do passado contemporâneo na década seguinte. Graves-Brown (2000b) sugeriu que o papel da arqueologia do passado recente era tornar o familiar “não familiar”, desestabilizar aspectos da vida cotidiana que de outro modo seriam negligenciados. Buchli & Lucas (2001a: 9) também enfatizaram esse intuito, sugerindo que “existe uma sensação de que, ao voltar nossos métodos sobre nós mesmos, cria-se uma situação estranha, reversa – um caso de tornar o familiar não familiar”. Além disso, Buchli e Lucas e seus colaboradores apontaram para a conexão entre temas como produção/consumo, lembrar/esquecer, desaparecimento/revelação e presença/ausência. Ao longo do livro é muito saliente o tema do subalterno e da ideia que a arqueologia tem um papel central em tornar evidentes esses aspectos da vida contemporânea nas margens, que são constantemente sobrescritos pelas narrativas dominantes:

Ao lidar com a questão do universo não discursivo, o ato arqueológico entra diretamente em contato com o subalterno, o despossuído e o abjeto. Isso não ocorre simplesmente em função da preocupação arqueológica usual com os vestígios materiais, mas sim pelo ato prático e social de descobrir aquilo que tem disso escondido. Os dois atos convergem aqui tanto literalmente quanto figurativamente. (Buchli e Lucas, 2001a:14)

Desde a publicação desses dois importantes volumes, a arqueologia do passado recente e contemporâneo passou por uma espécie de explosão. Foram publicados significativos volumes editados que tratam especificamente sobre o subcampo, p. ex., McAtackney *et al.* (2007), Holtorf & Piccini (2009), Harrison & Schofield (2009), Fortenberry & Myers (2010), Fortenberry & McAtackney (2012), May *et al.* (2012), González-Ruibal (2013), Olsen & Pétursdóttir (2014), e Orange (2015). Houve também a publicação de artigos dignos de nota em várias revistas, incluindo *Current Anthropology*, *Journal of Material Culture*, *World*

⁵(N.T.) Reconstruindo a Arqueologia.

⁶(N.T.) Matéria, Materialidade e Cultura Moderna.

⁷(N.T.) Arqueologias do Passado Contemporâneo.

Archaeology, e Archaeologies. Há ainda monografias sobre importantes projetos arqueológicos contemporâneos, p.ex. Andreassen *et al.* (2010), McAtackney (2014), e González-Ruibal (2014). Um passo importante ocorreu com a criação do grupo ‘Arqueologia Histórica e Contemporânea em Teoria’ (*Contemporary and Historical Archaeology in Theory* - CHAT), em Bristol, em 2003 (confira outras discussões em Holtorf & Piccini [2009:19]). Esse grupo organiza conferências anuais que tratam de questões tanto da arqueologia histórica quanto da arqueologia do passado contemporâneo e tem atuado como um fórum para o desenvolvimento e para a apresentação de uma parcela significativa das pesquisas que estão, na sequência, definindo esse campo. Outras contribuições com a mesma importância estão na emergência da moderna “arqueologia do conflito” (Crossland, 2011; Moshenska, 2013); da “arqueologia forense”, p.ex. Powers & Sibun (2013); das arqueologias do internamento e confinamento contemporâneos, p.ex. Myers & Moshenska (2011); e da “arqueologia do desastre”, p. ex. Gould (2007), todos subcampos importantes. Outra influência importante tem sido o interessante crescente do público na conservação do patrimônio moderno e no papel da arqueologia neste processo, p.ex. Penrose (2007). Mais recentemente, o subcampo “atingiu a maioria”, através da publicação do *Oxford Handbook of the Archaeology of the Contemporary World*⁸ (Graves-Brown *et al.*, 2013) e do lançamento em 2014 da *Journal of Contemporary Archaeology*⁹, que é devotada especificamente a este tópico.

Eu gostaria de evidenciar aqui, como em outro lugar (Harrison *et al.*, 2014), que ao mapear essa história do subcampo não estou assumindo uma hagiografia em particular, mas apenas oferecendo uma série de pontos de referência como indicadores de um interesse crescente na arqueologia do passado recente e do presente como uma área de pesquisa e de publicação. De fato, há certamente historiografias ainda não escavadas, com foco sobre o contemporâneo, em outras tradições arqueológicas regionais, p.ex. trabalhos mais antigos na Espanha e na América Latina que mapeiam uma trajetória intelectual similar a esta que eu apresentei sobre tradições anglófonas, p. ex. Alcaide (1983), Bellan (1993), e Gutiérrez *et al.* (1996). De modo similar, na arqueologia e na antropologia francófonas há uma longa tradição de pesquisadores trabalhando tanto com cultura material antiga quanto contemporânea, p. ex. Leroi-Gourhan (1943), Lemonnier (1992), Schlanger (1994), e Olivier (2000). A arqueologia do passado recente também tem se desenvolvido como uma forte área de interesse entre arqueólogos escandinavos, p.ex. Burstrom *et al.* (2009) e Olsen & Pétursdóttir (2014). Meu intuito aqui foi considerar, em especial, a emergência de tal subcampo em contextos regionais anglófonos, e considerar os temas e questões particulares que esses trabalhos têm abordado. Esta discussão serve como um ponto de entrada para explorar de modo mais amplo as possíveis intersecções entre arqueologias “contemporâneas” e “históricas”.

SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ARQUEOLOGIAS “CONTEMPORÂNEAS” E “HISTÓRICAS”

Um aspecto curioso da historiografia desse subcampo é a relação geralmente mais próxima com a arqueologia pré-histórica, talvez – como observado por Gavin Lucas – porque nas suas encarnações mais antigas o subcampo tenha sido visto como profundamente conectado com um projeto mais amplo de desenvolvimento de teorias de alcance médio (González-Ruibal *et al.* 2014:266). Esse certamente foi o caso da maior parte dos

⁸ (N.T.) Manual Oxford de Arqueologia do Mundo Contemporâneo.

⁹ (N.T.) Revista de Arqueologia Contemporânea.

pesquisadores até o final da década de 1990. Deste modo, apesar de muitas pessoas que trabalham hoje com períodos “recentes” ou “contemporâneos” também trabalharem com materiais que seriam – de modo mais convencional – entendidos como dentro do alcance da arqueologia “histórica”, as conexões entre desenvolvimentos teóricos e conceituais em cada subcampo têm sido geralmente fracas. No entanto, para além dos limites temporais, parece que há muitos temas gerais que são de interesse comum. Por exemplo, o interesse de pesquisadores que trabalham com a arqueologia do passado contemporâneo a respeito de questões de desigualdade, poder e classe, p.ex. Kiddey & Schofield (2011), Zimmerman & Welch (2011), Zimmerman *et al.* (2010), Zimmerman (2013), e Gokee & De León (2014), tem ressonâncias fortes com uma longa tradição de engajamento com as sociopolíticas do passado no presente e com esforços para traçar as genealogias das desigualdades modernas globais através da arqueologia histórica, p.ex. McGuire & Paynter (1991), Leone & Potter (1999), Mullins (1999, 2010), Singleton (1999), Hall (2000), Leone (2005), Hall & Silliman (2006), Tarlow (2007), Voss (2008), e Matthews (2010). De modo similar, a forte orientação dentro da arqueologia histórica anglófona para o engajamento crítico com o colonialismo e a teoria pós-colonial, p. ex. Silliman (2004), Lydon (2009), Leone (2009), e Croucher & Weiss (2011), também parece ter evidentes intersecções com enfoques que têm caracterizado as arqueologias do contemporâneo, p.ex. González-Ruibal (2014). Alguém poderia facilmente caracterizar os dois campos de pesquisa como eticamente dominados pela ideia do desenvolvimento de passados úteis e uma orientação geral voltada para preocupações contemporâneas com o social, o político e o econômico, p. ex. McGuire (2008), Dawdy (2009, 2010), Leone (2010), Voss (2010), e Edgeworth *et al.* (2014).

Assim, alguém poderia perguntar: por que a “arqueologia contemporânea” não encontrou forças – ou pelo menos intersecções – com a “arqueologia histórica” praticada em contextos anglófonos (especialmente na América do Norte)? É possível argumentar que – ao menos em parte – isso está relacionado com os diferentes enfoques e com as ênfases sobre tipos específicos de fontes que se desenvolveram em cada subcampo. Apesar de ambos estarem explicitamente preocupados com a questão das fontes, a arqueologia histórica desenvolveu uma abordagem forte com a integração de múltiplas linhas de evidência, indiscutivelmente com uma ênfase sobre fontes textuais e visuais, além das fontes materiais. A integração de múltiplas linhas de evidência como parte de uma arqueologia histórica interpretativa recebeu muitas discussões e olhares críticos, p.ex. Schuyler (1978), Beaudry (1988, 1995), e Wilkie (2006). A arqueologia contemporânea, por outro lado, teve uma tendência a priorizar explicitamente as fontes materiais sobre as fontes textuais ou de recordações, e deste modo tem sido atraída e tem perpetuado suas fortes conexões com a arqueologia pré-histórica, como eu já mencionei. Alguém poderia facilmente entender isso como um legado da natureza experimental do subcampo e do modo como ele tem justificado o valor explícito de abordagens arqueológicas para o estudo da vida contemporânea, dada a abundância de outras fontes disponíveis cobrindo esse mesmo período. Entretanto talvez essa também seja uma razão para que o subcampo tenha se mantido relativamente isolado da arqueologia histórica, especialmente na América do Norte, onde existe uma longa e forte tradição de arqueologia documental, com pelo menos algumas pesquisas que alcançam contextos do Século XX, p. ex. Cabak *et al.* (1999).

O controverso projeto “Van” (Bailey *et al.*, 2009) (confira outras discussões em Harrison & Schofield [2010:157–163]) é um bom caso para examinar. Tal projeto envolve a “escavação” de um furgão tipo *van* de 1991, modelo Ford Transit, por um grupo de arqueólogos em Bristol. Uma grande parte da discussão *online* sobre o projeto está focada sobre a questão se ele deveria ou não ser percebido como arqueológico, e se tal

exercício poderia ser considerado válido (Newland *et al.*, 2007). Os próprios autores destacam que o intuito do projeto era conferir quais métodos arqueológicos poderiam contribuir para o entendimento de um objeto moderno sobre o qual já se poderia saber muito de antemão. Ainda que o projeto tenha, de fato, usado tanto relatos orais quanto documentais, junto com a evidência arqueológica, a necessidade de justificar o trabalho levou a corroborar um foco sobre métodos arqueológicos de campo, definidos de modo bem estrito, para explorar o que há de mais emblemático sobre a própria arqueologia contemporânea. Apesar disso, há muitos exemplos de trabalhos arqueológicos, que têm como foco o presente ou o passado recente, que seguem uma forte abordagem de uso de fontes múltiplas. O trabalho de Laura McAtackney's (2014) sobre a Prisão Long Kesh Maze é um exemplo, tecendo e ponderando um conjunto de fontes documentais, de história oral, fotográficas, artefatuais e arquitetônicas, para explorar a história recente e o legado contemporâneo de um dos mais litigiosos legados materiais dos Conflitos da Irlanda do Norte. Seu trabalho sobre a prisão e sobre as paisagens sectárias associadas permitiu que ela questionasse e reinterpretasse as histórias das realidades materiais do processo de paz na Irlanda do Norte (McAtackney, 2011, 2013). Em alguns casos, também foi possível utilizar enfoques similares para múltiplas fontes, em contextos em que as fontes documentais poderiam ser percebidas como extremamente imprecisas, não representativas ou até não existentes. Talvez, nestes casos, tenha ocorrido uma ênfase maior na integração entre arqueologia e etnografia, em comparação com a arqueologia histórica que geralmente é praticada nos contextos anglófonos. Um exemplo é o trabalho de Jason de León e colegas dentro do *Undocumented Migration Project*¹⁰, que aplica metodologias arqueológicas, etnográficas e forenses para explorar fluxos migratórios não documentados no Deserto de Sonora no sul do Arizona (EUA), em cidades fronteiriças do norte do México e na fronteira sul do México com Guatemala (De León, 2012, 2013; Gokee & De León, 2014; De León *et al.*, 2015). De modo similar, projetos recentes de arqueologia da situação contemporânea de sem-teto nos dois lados do Atlântico, p. ex. Kidney (2014a, 2014b), Kidney & Schofield (2011), Zimmerman & Welch (2011), Zimmerman *et al.* (2010), e Zimmerman (2013), também utilizam fortes enfoques sobre múltiplas fontes, para compreender questões de desigualdade social. O trabalho de Rachel Kidney é particularmente digno de nota, seguindo atentamente relatos orais e realizando mapeamentos de superfície e escavações de “sítios sem-teto” através de arqueologias colaborativas, com a ajuda de colegas sem-teto de Bristol e York.

Como eu já mencionei, esses projetos mostram fortes ressonâncias com temas que têm interessado arqueólogos históricos há muito tempo: nos casos acima, respectivamente, foram as questões de identidade, conflito e sectarismo, e também as desigualdades das economias capitalistas. Outro ponto forte de intersecção entre as arqueologias contemporânea e histórica é o desejo comum de desenvolver pesquisa arqueológica sobre tópicos que podem influenciar políticas contemporâneas. Alguns exemplos são os trabalhos sobre sem-teto e migração discutidos acima. Também o trabalho de Charles Orser sobre a arqueologia histórica da raça, p.ex. Orser (2003, 2007), mostrou uma forte orientação para o desenvolvimento de uma arqueologia histórica que se engaja com questões de interesse social e político contemporâneo – como poder, pobreza, preconceito e desigualdade. De modo similar, questões sobre as relações históricas da indústria com processos de mudança social e ambiental poderiam igualmente sustentar o trabalho de arqueólogos históricos e “contemporâneos”. Stephen Mrozowski (2014) mostrou como seu trabalho a respeito dos impactos ambientais causados pela ascensão de economias capitalistas na Nova Inglaterra histórica está diretamente relacionado com preocupações

¹⁰ (N.T.) Projeto de Migração Não Documentada (ou Sub-Documentada).

ecológicas contemporâneas. Há uma ressonância com o trabalho de arqueólogos contemporâneos sobre a indústria do Século XX, p. ex. Stratton & Trinder (2000); sobre conflito, p. ex. Gonzalez-Ruibal (2008); e sobre lixo, p. ex. Rathje & Murphy (1992) (ver também Edgeworth *et al.* [2014] sobre a arqueologia do antropoceno). Eu uso aqui o trabalho de Mrozowski's (2014) como um exemplo, porque ele também se relaciona com a arqueologia histórica do colonialismo, voltando-se também para questões sociais e políticas contemporâneas, p.ex. Ferris *et al.* (2014), e que – pelo menos no contexto australiano, no qual meu próprio trabalho nesta área se desenvolveu, p. ex. Harrison (2004) – é também parte de uma arqueologia do passado recente.

RUMO A UMA ARQUEOLOGIA DOS FUTUROS E PASSADOS EMERGENTES

Após mostrar como as arqueologias históricas e arqueologias do passado recente e do presente compartilham várias intersecções temáticas, e que elas estão igualmente interessadas na conexão da arqueologia com preocupações sociais, políticas, econômicas e ecológicas contemporâneas, eu gostaria de explorar como podemos dar um passo adiante para orientar a arqueologia rumo ao *futuro*. Eu argumento que há uma necessidade de reunirmos os pontos fortes tanto da arqueologia histórica quanto da contemporânea sobre suas abordagens variadas a múltiplas fontes. Além disso, é preciso um reengajamento com as origens das arqueologias do contemporâneo na etnoarqueologia, que deve ser feito de modo reflexivo e atento à maneira como a arqueologia é, ela mesma, coprodutora dos passados e dos presentes (e dos futuros) que ela estuda (ver Lucas [2004, 2005, 2006, 2010]). Minha abordagem aqui difere de outras propostas recentes pela reorientação da arqueologia histórica rumo ao futuro, p. ex. Wurst and Mrozowski (2014), pois ela não tem como foco “fazer história para trás”, mas sim chamar a atenção sobre uma *arqueologia do presente* como a posição temporal em que os futuros são construídos (Harrison, 2011).

Eu já sugeri anteriormente que uma das ideias-chave para o engajamento arqueológico com o presente e o passado recente envolve o reconhecimento que a arqueologia constitui uma intervenção discursiva e material no presente (Olivier, 2004, 2008; Shanks, 2012). Essa é uma observação que tem sido essencial tanto para a arqueologia “histórica” quanto para a “contemporânea”. Dentro dessa lógica, se existem variados engajamentos arqueológicos com o presente, existem também – por inferência – variados passados que essas diversas arqueologias produzem. Além disso, de modo crítico, da mesma forma que existem muitos passados, existem também muitos futuros possíveis, amarrados e tornados reais pelos passados que a arqueologia faz no presente. Assim, ainda que a ideia de uma arqueologia que reconhece seu papel como uma intervenção criativa e material-discursiva no presente tenha se tornado central para um conjunto de diferentes esforços arqueológicos contemporâneos, o potencial de um engajamento arqueológico com o estudo de *futuros emergentes* permanece largamente sem discussão. No entanto, se argumentamos que a arqueologia oferece sua própria e emblemática “sensibilidade” para este tópico de estudo (compare Shanks [2012] e Olsen *et al.* [2012]), podemos concluir que a arqueologia também pode oferecer um olhar particular que ilumine o futuro, ou, seguindo essa proposição, através de seu engajamento com os presentes dos quais o futuro é feito, ilumine os *múltiplos futuros possíveis*.

No espaço que me resta neste artigo, vou considerar de modo breve uma série de experimentos metodológicos em andamento associados com um novo projeto de pesquisa, Futuros do Patrimônio, que busca

desenvolver uma abordagem arqueológica para compreender um gênero específico de práticas de fazer-futuro como um exemplo de como o campo expandido da arqueologia histórica pode voltar sua atenção para o estudo de futuros emergentes. Apesar deste trabalho ainda estar em andamento, eu penso que ele tem seu valor em apontar rumo a uma nova direção que – eu sugiro – pode constituir uma arqueologia expandida dos futuros emergentes. Ao levar a sério as reivindicações de diversos campos de práticas patrimoniais para conservar objetos, lugares e práticas “do passado, no presente, para o futuro”, eu gostaria de considerar o potencial da arqueologia para se engajar com variadas capacidades de construção de futuros a partir de uma perspectiva comparativa. Essas capacidades são oriundas de diversas práticas patrimoniais que funcionam dentro do amplo domínio do patrimônio e de outros campos similares. Eu sugiro, em relação ao patrimônio, que pode ser útil compreender tais práticas como práticas que partilham uma orientação voltada ao cuidado com (e portanto a produção de) futuros. Ao fazer isso, eu sigo uma gama de influências conceituais, como o realismo agencialista de Karen Barad (2007); e na arqueologia, indico Alberti & Bray (2009), Alberti *et al.* (2011), Fowler (2013), e Marshall & Alberti (2014); também o materialismo vital de Jane Bennett (2010); a noção do *dispositif* de Michel Foucault (Agamben, 2009); a teoria Deleuziana de agenciamento (DeLanda, 2006); e vários aspectos dos estudos de ciência e tecnologia, p.ex. Latour (1998, 1999), Law (2004), e Law & Urry (2004), que veem as múltiplas práticas patrimoniais como modos de encenar novas realidades através de processos contingentes de agrupamento e reagrupamento de corpos, técnicas, tecnologias, materiais, valores, temporalidades e espaços. Essas questões são discutidas mais a fundo em Harrison (2013); e para uma visão geral sobre o valor de abordagens em rede na arqueologia histórica, veja Casella (2013, nesta edição). Ainda que essas múltiplas influências tenham origens e aplicações acadêmicas diversas, eu as vejo conectadas através de uma preocupação com os aspectos performativos dos engajamentos humanos e não humanos, *dentro e com o mundo, eles mesmos co-constitutivos desse mundo*. Dentro de tal abordagem, mundos e futuros não são predeterminados, ao contrário, eles emergem dos engajamentos de uma gama de agentes, incluindo tanto humanos quanto não humanos. Um aspecto central do meu argumento sobre o que podemos chamar, de modo produtivo, de *ontologias do patrimônio* – me referindo aqui às capacidades das práticas patrimoniais em fazer-mundo e em construir futuros – é o reconhecimento da *pluralidade ontológica*: ou seja, que diferentes formas de práticas patrimoniais produzem *diferentes realidades* e, portanto, funcionam para reunir *diferentes futuros* (ver também Harrison, 2015). Eu vou fazer alguns movimentos simultâneos aqui. Em primeiro lugar, meu foco está sobre o patrimônio como um dos muitos domínios técnicos nos quais os futuros são feitos ou tornados reais. Do mesmo modo, alguém pode aplicar tais métodos a outros campos técnicos: por exemplo, biotecnologia contemporânea (Rabinow & Dan-Cohen 2006) e arquitetura (Yaneva, 2013). O patrimônio funciona aqui como um estudo de caso que apresenta uma série de campos técnicos sobrepostos, preocupados com fazer-futuros através da conservação ativa de objetos particulares do passado, no presente, em antecipação a (e, portanto, trabalhando para produzir) futuros particulares. O patrimônio é seletivo e ativo nos passados, presentes e futuros que ele faz. Em segundo lugar, eu não limito meu foco ao patrimônio arqueológico, considerando também patrimônios natural e culturais, em suas definições amplas. Eu faço isso para sugerir que parte do valor de um engajamento de uma arqueologia histórica expandida com o presente e seus futuros nascentes está precisamente na sua capacidade de oferecer perspectivas comparativas que possam abrir conversas entre diferentes campos de prática, trabalhando rumo à produção de *futuros partilhados*. Eu vou discutir esse ponto com mais detalhes na próxima seção do artigo.

PATRIMÔNIO COMO UMA SÉRIE DE PRÁTICAS DE CONSTRUÇÃO DE FUTUROS

O patrimônio é usualmente entendido como um campo único. No entanto, eu gostaria de sugerir que é mais útil compreendê-lo como uma série heterogênea e descontínua de domínios de práticas. Eu uso o termo “domínios” para destacar uma tendência entre os diferentes campos das práticas patrimoniais de operar de modo relativamente autônomo, com cada um destes domínios especificando objetos particulares de conservação e acompanhando seus métodos de gerenciamento. Exemplos de tais domínios incluem os campos da conservação de biodiversidade, conservação de patrimônios construídos e preservação de línguas ameaçadas de extinção. Cada um deles identifica um risco específico (respectivamente, perda de diversidade biológica, perda de patrimônio cultural e perda de linguagem e “cultura”) e um objeto ameaçado (“biodiversidade”, “patrimônio construído” e “diversidade linguística”). Cada um destes domínios aplica suas técnicas específicas para identificar, coletar, conservar e gerenciar o objeto ameaçado e os fatores que são percebidos como uma ameaça a ele (Rico, 2014; Vidal & Dias, 2015). Na medida em que o patrimônio é geralmente encarregado de preservar seu objeto ameaçado para o “futuro”, e cada um desses domínios está preocupado em estabelecer seus alvos respectivos de conservação, tanto como objetos de conhecimento quanto como campos de intervenção, podemos dizer que estes diferentes domínios do patrimônio estão ativamente engajados no trabalho de reunir e cuidar do futuro. Porém, este trabalho de reunir e cuidar do futuro não acontece apenas dentro dos domínios convencionais do patrimônio. Fora das definições convencionais de patrimônio natural e cultural, também há domínios que – de modo similar – estão preocupados em categorizar, fazer a curadoria e conservar para o futuro. Alguém pode pensar, por exemplo, no descarte de lixo nuclear. Este campo, que convencionalmente não é entendido como um domínio do “patrimônio”, é – assim mesmo – também preocupado com riscos específicos (radiação nuclear), identificação de objetos ameaçados (organismos biológicos) e métodos de planejamento para sua conservação (métodos apropriados de descarte de lixo nuclear), e ele faz isso dentro de um quadro de trabalho mais amplo voltado a futuros sustentáveis.

Ao falar aqui sobre múltiplos mundos e múltiplos futuros, eu me apoio no que Martin Holbraad, Morten Axel Pedersen, e Eduardo Viveiros de Castro (2014:1), ao discutir Povinelli (2012), se referem como um senso antropológico de ontologia, “a multiplicidade de formas de existência produzidas em práticas concretas, na qual a política se torna a elicitación não cética dos múltiplos potenciais de como as coisas poderiam ser”. Eles seguem adiante para sugerir que uma política ontológica assume a tarefa de “gerar vantagens alternativas que façam com que as formas de pensamento estabelecidas sejam colocadas sob a pressão implacável da sua própria alteridade e talvez se transformem” (Holbraad *et al.*, 2014:1). Se o patrimônio pode ser entendido como uma série de práticas materiais-discursivas que estão orientadas rumo à construção do futuro, um engajamento arqueológico com o patrimônio no presente pode também oferecer outra lente para entendermos os futuros emergentes e possíveis.

O projeto de pesquisa Futuros do Patrimônio se pergunta o que pode significar considerar os futuros que são arranjos e reunidos através de uma série de diferentes campos de práticas – nos processos de tomada de decisão envolvidos no descarte de lixo nuclear, nos processos de conservação de línguas ameaçadas, em bancos globais de sementes, no cuidado e gerenciamento de parques locais e em práticas domésticas de curadoria de heranças familiares – a partir de uma perspectiva comparativa. Como tal perspectiva comparativa, que considera não apenas práticas formais de patrimônio, mas também uma gama de formas alternativas de

cuidado com o futuro, poderia ajudar a compreender caminhos para o engajamento arqueológico com futuros emergentes?

O projeto é orientado por uma série de questões. Onde e como os passados ganham presença nas sociedades contemporâneas? Quais são as redes que facilitam esse processo? Que temporalidades são produzidas por diferentes formas de patrimônio, e como elas se articulam com a produção de futuros particulares? Quais são as implicações desses diferentes modos de engajamento com passado, presente e futuro que são gerados nesses diversos domínios? Além disso, o projeto considera várias questões de pesquisa aplicada: Quais modelos de construção, valoração e cuidado com o futuro – originários de um contexto cultural ou domínio da prática – podem ser aplicados de modo produtivo em outros contextos? Como essa transposição de novos modelos de fazer-patrimônio, de um domínio para outro, pode apontar para práticas mais sustentáveis de gerenciamento de patrimônio? Será que uma ênfase nos processos, ao invés de em permanências, poderia ajudar a repensar os paradigmas dominantes da conservação e preservação?

Nós, da equipe do projeto, buscamos trabalhar através de uma ampla gama de domínios culturais – cultural, natural, biológico, geológico, até cosmológico, incluindo, por exemplo, museus, parques naturais, bancos de sementes, “ruínas” e sítios de patrimônio arqueológico, tanto em ambientes rurais quanto urbanos, arquivos, listas de práticas culturais ameaçadas e de línguas ameaçadas relacionadas a comunidades étnicas “minoritárias”, laboratórios de conservação, centros de patrimônio indígena, instalações de descarte de lixo nuclear e projetos de zoológicos congelados, em diferentes parte do mundo – e buscamos considerar como as variadas práticas de geração de valor e de modelos de cuidado com o futuro, que são originárias de um domínio, podem ser reimplantadas de modo produtivo dentro de outros contextos.

O foco do projeto sobre práticas patrimoniais como engajamentos sociomateriais voltados para a construção de futuros demanda experimentações metodológicas. Apesar dos membros da equipe de pesquisa serem oriundos de diversos percursos acadêmicos distintos (arqueologia, geografia, história da ciência/estudos de ciência, intermídia, antropologia social), nossa abordagem é largamente etnográfica, voltando-se particularmente para etnografias materiais, visuais e sensoriais, p.ex. Pink (2009, 2012), com um foco sobre os mundos sociomateriais, práticas emergentes e os “acontecimentos do social” (Lury & Wakeford, 2012). Nosso intuito é contribuir para o desenvolvimento de etnografias arqueológicas como um conjunto distintivo de metodologias (ver também Meskell [2005, 2012], Castañeda & Matthews [2008], Hamilakis & Anagnostopoulos [2009], Hamilakis [2011, e González-Ruibal [2014]). Para isso, seguimos um conjunto de experimentações anteriores em métodos etnográficos focados mais ou menos sobre o material, a partir de nossas próprias experiências, p.ex. Holtorf (2004), Harrison (2002, 2004), DeSilvey (2012), Bond *et al.* (2012), Macdonald & Basu (2007), Pink & Morgan (2013), e Pink *et al.* (2014).

Eu utilizo o termo “etnografia arqueológica” aqui para descrever uma série de engajamentos etnográficos focados materialmente em uma rede distribuída tanto de humanos quanto de outros-que-não-humanos (objetos agentivos, lugares, práticas, animais) no “agora” (Harrison, 2002, 2004, 2011), atento para os modos como tanto passados quanto futuros são entrelaçados e embrulhados dentro desses diferentes “agoras” nos quais esses engajamentos acontecem. Eu não acho necessariamente que esse seja o tipo de trabalho que possa ser realizado do modo mais eficiente por um único etnógrafo-trabalhador-de-campo (veja também Rabinow [2011] e González-Ruibal [2014]). No nosso caso, o trabalho é feito colaborativamente, e eu vejo os dados que nossa equipe de pesquisa coleta como emergindo de um nexo das nossas interações, tanto um com outro quanto com os mundos sociomateriais que nós estudamos. Mantendo a tradição do campo antropológico, que tem sua

genealogia no trabalho de W. H. R. Rivers (Kuklick, 2011), nossos corpos permanecem importantes instrumentos nas nossas práticas de campo, assim como as mediações dos nossos engajamentos com o campo através de instrumentos – câmeras de vídeo móveis e imóveis, gravadores de som, fitas métricas, instrumentos de desenho, colheres de pedreiro, *laptop*, *tablet*, papel e caneta – os quais nós usamos para observar e, portanto, intervir na observação. Assim como González-Ruibal (2014), nós reconhecemos que o ritmo do trabalho de campo pode ser mais pontual e pode envolver métodos mais rápidos e/ou diretos, que ressoam com tradições de observação direta de práticas materiais na etnoarqueologia, nas quais os participantes são convidados a encenar processos cotidianos particulares, e estes são registrados usando filme, áudio, ou outro método gráfico, de modo que permita que tanto os informantes quanto os pesquisadores possam refletir diretamente sobre eles. Eu utilizei esse tipo de método anteriormente, ao convidar informantes para encenar e ajudar no mapeamento dos modos lembrados de mover-se e engajar-se com paisagens arqueológicas abandonadas na Austrália e também ao explorar a produção de artefatos de vidro lascado, p.ex. Harrison (2004). O trabalho de Sarah Pink e colegas no uso de etnografias de curta duração e com múltiplos pesquisadores, dentro do campo de assistência de saúde, oferece outro exemplo de pesquisa etnográfica “aplicada”, intensiva e focada materialmente, com implicações importantes sobre o tipo de trabalho que nós estamos realizando (Pink & Morgan, 2013; Pink *et al.* 2014). Nossa equipe do projeto permanece aberta às diferentes qualidades dos dados que tais engajamentos podem produzir. É também importante destacar que nós buscamos nos movimentar para além das perspectivas teóricas e conceituais desenvolvidas em outros contextos, de modo a explorar os modos em que as várias práticas de patrimônio examinadas podem gerar elas mesmas novas e distintas abordagens para a compreensão dos modos como o futuro é cuidado e curado nos vários contextos. De modo a facilitar tal cocriação de conhecimento, p. ex. Fleming (2013a, 2013b), nós estamos envolvidos no desenvolvimento de contextos e fóruns para trocar conhecimentos sobre práticas patrimoniais e processos entre os diferentes domínios de prática com os quais trabalhamos, com o objetivo de desenvolver soluções partilhadas para problemas comuns. Aqui a etnografia arqueológica pode ser vista como um tipo de prática diplomática (compare com Latour [2004, 2013]), de construção de futuros, por facilitar engajamentos que podem cruzar fronteiras ontológicas.

CONCLUSÕES

No momento em que eu escrevo, a equipe do nosso projeto está apenas começando a trabalhar nele, e, mesmo assim, já está evidente que as implicações do engajamento arqueológico com o patrimônio, como uma forma de fazer-futuro, estende-se – para além do estudo do patrimônio – para outras práticas sociomateriais emergentes. Eu argumentei que as arqueologias “histórica” e “contemporânea” têm muito o que aprender uma com a outra. Eu sugiro que o “futuro” da arqueologia histórica resida precisamente no que tem sido tradicionalmente visto como sua área de força – um forte enfoque de múltiplas fontes – embora esteja pedindo por uma expansão das fontes utilizadas a fim de ampliar seu engajamento com dados etnográficos e etnoarqueológicos, e com campos de prática contemporânea em que os futuros são reunidos, nutridos e tornados reais. Tal campo expandido da arqueologia histórica e contemporânea estaria fortemente sintonizado com os aspectos sociomateriais de uma gama de diferentes práticas de construção de futuros. Eu discuti aqui as possibilidades de estudo do patrimônio, mas há muitos outros domínios nos quais uma arqueologia como essa pode se envolver. Eu argumento que é apenas através deste tipo de fazer que um campo expandido da

arqueologia histórica e contemporânea pode se tornar um agente de mudança em relação a questões presentes e futuras de interesse ecológico, econômico, político e social.

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço ao editor e revisores da revista *Historical Archaeology*, por seus comentários generosos sobre o rascunho anterior deste artigo, os quais me ajudaram de modo significativo na revisão para a publicação nesta edição especial da *Historical Archaeology*. Futuros do Patrimônio (<<https://www.heritage-futures.org/>>) é financiado por *UK Arts and Humanities Research Council* “*Care for the Future: Thinking Forward through the Past*” *Theme Large Grant* (AH/M004376/1), concedido a Rodney Harrison (investigador principal), Caitlin DeSilvey, Cornelius Holtorf, Sharon Macdonald (co-investigadores), Martha Fleming (pesquisadora sênior pós-doutoral), Antony Lyons (*senior creative fellow*), e Nadia Bartoloni, Sarah May, Jennie Morgan, e Sefryn Penrose (pesquisadores pós-doutorais). O projeto também recebeu generoso apoio adicional das universidades envolvidas e de 22 organizações parceiras, acadêmicas e não acadêmicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. 2009. *What Is an Apparatus? And other Essays*. Stanford University Press, Palo Alto.
- ALBERTI, Benjamin & BRAY, Tamara L. 2009. Animating Archaeology: of Subjects, Objects and Alternative Ontologies. *Cambridge Archaeological Journal*, vol. 19 (3): 337-343.
- ALBERTI, Benjamin, FOWLES, Severin, HOLBRAAD, Martin, MARSHALL, Yvonne & WITMORE, Christopher. 2011. "Worlds Otherwise": Archaeology, Anthropology, and Ontological Difference. *Current Anthropology*, vol. 52 (6): 896-912.
- ALCAIDE, Gerda. 1983. Arqueología histórica en una oficina salitrera abandonada. II Región. Antofagasta—Chile: Estudio experimental. *Chungara*, vol. 10 57-75.
- ANDREASSEN, Elin, BJERCK, Hein & OLSEN, Bjornar. 2010. *Persistent Memories: Pyramiden—a Soviet Mining Town in the High Arctic*. Tapir Press, Trondheim (Noruega).
- APPADURAI, Arjun. 2013. *The Future as Cultural Fact: Essays on the Global Condition*. Verso, Londres.
- BAILEY, Gregory, NEWLAND, Cassie, NILSSON, Anna & SCHOFIELD, John. 2009. Transit, Transition: Excavating J641 VUJ. *Cambridge Archaeological Journal*, vol. 19 (1): 1-27.
- BARAD, Karen. 2007. *Meeting the Universe Halfway: Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning*. Duke University Press, Durham.
- BEAUDRY, Mary C. 1995. Introduction: Ethnography in Retrospect. In D'AGOSTINO, M. E. D., PRINE, E., CASELLA, E. & WINER, M. (Org). *The Written and the Wrought: Complementary Sources in Historical Anthropology*. University of California, Department of Anthropology, Kroeber Anthropological Society Papers No. 79, Berkeley.
- BEAUDRY, Mary C. 1988. *Documentary Archaeology in the New World*. Cambridge University Press, Cambridge.
- BELLAN, Gilles. 1993. Pour une archéologie moderne et contemporaine: à propos d'Alain-Fournier et de la grande guerre. *Nouvelles de l'Archéologie*, vol. 52 (1): 31-32.
- BENNETT, Jane. 2010. *Vibrant Matter: A Political Ecology of Things*. Duke University Press, Durham.
- BOND, Steven, DESILVEY, Caitlin & RYAN, James R. 2012. *Visible Mending: Everyday Repairs in the South West*. Uniform, Exeter.
- BUCHLI, Victor. 2007. Afterword: Towards an Archaeology of the Contemporary Past. In MCATACKNEY, Laura, PALUS, Matthew & PICCINI, Angela (Org). *Contemporary and Historical Archaeology in Theory: Papers from the 2003 and 2004 CHAT Conferences*. Archaeopress, Oxford. pp. 115-118.
- BUCHLI, Victor & LUCAS, Gavin. 2001a. The Absent Present: Archaeologies of the Contemporary Past. In BUCHLI, Victor & LUCAS, Gavin (Org). *Archaeologies of the Contemporary Past*. Routledge, Londres. pp. 3-8.
- BUCHLI, Victor & LUCAS, Gavin. 2001b. *Archaeologies of the Contemporary Past*. Routledge, Londres.
- BURSTRÖM, Mats, ACOSTA, Tomás Diez, NORIEGA, Estrella González, GUSTAFSSON, Anders, HERNÁNDEZ, Ismael, KARLSSON, Hakan, PAJÓ, Jesús M., JARAMILLO, Jesús Rafael Robaina & WESTERGAARD, Bengt. 2009. Memories of a World Crisis: The Archaeology of a Former Soviet Nuclear Missile Site in Cuba. *Journal of Social Archaeology*, vol. 9 (3): 295-318.
- CABAK, Melanie A., GROOVER, Mark D. & INKROT, Mary M. 1999. Rural Modernization during the Recent Past: Farmstead Archaeology in the Aiken Plateau. *Historical Archaeology*, vol. 33 (4): 19-43.
- CASELLA, Eleanor Conlin. 2013. Pieces of Many Puzzles: Network Approaches to Materiality in the Global Era. *Historical Archaeology*, vol. 47 (1): 90-98.
- CASTAÑEDA, Quetzil & MATTHEWS, Christopher (Org.). 2008. *Ethnographic Archaeologies: Reflections on Stakeholders and Archaeological Practices*. Altamira Press, Plymouth.

- CROSSLAND, Zoe. 2011. The Archaeology of Contemporary Conflict. In INSOLL, Timothy (Org). *The Oxford Handbook of the Archaeology of Ritual and Religion*. Oxford University Press, Oxford. pp. 285-306.
- CROUCHER, Sarah K. & WEISS, Lindsay (Org.). 2011. *The Archaeology of Capitalism in Colonial Contexts: Postcolonial Historical Archaeologies*. Springer, New York.
- DAVID, Nicholas & KRAMER, Carol. 2001. *Ethnoarchaeology in Action*. Cambridge University Press, Cambridge.
- DAWDY, Shannon L. 2009. Millennial Archaeology: Locating The Discipline in the Age of Insecurity. *Archaeological Dialogues*, vol. 16 (2): 131-142.
- DAWDY, Shannon L. 2010. Clockpunk Anthropology and the Ruins of Modernity. *Current Anthropology*, vol. 51 (6): 761-793.
- DELANDA, Manuel. 2006. *A New Philosophy of Society: Assemblage Theory and Social Complexity*. Continuum, London.
- DE LEÓN, Jason. 2012. "Better to Be Hot than Caught": Excavating the Conflicting Roles of Migrant Material Culture. *American Anthropologist*, vol. 114 (3): 477-495.
- DE LEÓN, Jason. 2013. Undocumented Migration, Use-Wear, and the Materiality of Habitual Suffering in the Sonoran Desert. *Journal of Material Culture*, vol. 18 (4): 1-32.
- DE LEÓN, Jason, GOKEE, Cameron & SCHUBERT, Ashley. 2015. "By the Time I Get to Arizona": Citizenship, Materiality, and Contested Identities along the US–Mexico Border. *Anthropological Quarterly*, vol. 88 (2): 445-479.
- DESILVEY, Caitlin. 2012. Making Sense of Transience: An Anticipatory History. *Cultural Geographies*, vol. 19 (1): 31-54.
- EDGEWORTH, Matt, BENJAMIN, Jeffrey, CLARKE, Bruce, CROSSLAND, Zoe, DOMANSKA, Ewa, GORMAN, Alice Claire, GRAVES-BROWN, Paul, HARRIS, Edward Cecil, HUDSON, Mark James, KELLY, Jason M., PAZ, Victor Joquin, SALERNO, Melisa, WITMORE, Christopher & ZARANKIN, Andrés. 2014. Archaeology of the Anthropocene. *Journal of Contemporary Archaeology*, vol. 1 (1): 73-132.
- FERRIS, Neal, HARRISON, Rodney & WILCOX (Org.). 2014. *Rethinking Colonial Pasts through Archaeology*. Oxford University Press, Oxford.
- FEWSTER, Kathryn. 2013. The Relationship between Ethnoarchaeology and Archaeologies of the Contemporary Past: A Historical Investigation. In GRAVES-BROWN, Paul, HARRISON, Rodney & PICCINI, Angela (Org). *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Contemporary World*. Oxford University Press, Oxford. pp. 27-39.
- FLEMING, Martha. 2013a. Open Minds Open Doors: Interdisciplinarity and Inclusion. In LUNDGAARD, Ida Braendholt & JENSEN, Jacob Thorek (Org). *Museums: Social Learning Spaces and Knowledge Producing Processes*. Danish Agency for Culture/ Kulturstyrelsen, Copenhagen. pp. 148-171.
- FLEMING, Martha. 2013b. Split + Splice: An Experiment In Scholarly Methodology and Exhibition Making. In GOODYEAR, Anne Collins & WEITEKAMP, Margaret A. (Org). *Analyzing Art and Aesthetics*. Smithsonian Institution Scholarly Press, Washington. pp. 132-142.
- FORTENBERRY, Brent & MCATACKNEY, Laura (Org.). 2012. *Modern Materials: The Proceedings of CHAT Oxford*. Archaeopress, Oxford.
- FORTENBERRY, Brent & MYERS, Adrian (Org.). 2010. Perspectives on the Recent Past. *Archaeologies*, vol. 6 (1): 1-192.
- FOWLER, Chris. 2013. *The Emergent Past: A Relational Realist Archaeology of Early Bronze Age Mortuary Practices*. Oxford University Press, Oxford.
- GOKEE, Cameron & DE LEÓN, Jason. 2014. Sites of Contention: Archaeological Classification and Political Discourse in the US-Mexico Borderlands. *Journal of Contemporary Archaeology*, vol. 1 (1): 133-163.
- GONZÁLES-RUIBAL, Alfredo. 2006. The Past is Tomorrow: Towards an Archaeology of the Vanishing Present. *Norwegian Archaeological Review*, vol. 39 (2): 110-125.

- GONZÁLES-RUIBAL, Alfredo. 2008. Time to Destroy: Towards an Archaeology of Supermodernity. *Current Anthropology*, vol. 49 (2): 247-279.
- GONZÁLES-RUIBAL, Alfredo. 2013. Reclaiming archaeology. In GONZÁLES-RUIBAL, Alfredo (Org). *Reclaiming Archaeology: beyond the tropes of modernity*. Routledge, London. pp. 1-30.
- GONZÁLES-RUIBAL, Alfredo. 2014. *An Archaeology of Resistance: Materiality and Time in an African Borderland*. Rowman & Littlefield, Lanham.
- GONZÁLES-RUIBAL, Alfredo, HARRISON, Rodney, HOLTORF, Cornelius & WILKIE, Laurie. 2014. Archaeologies of the Contemporary Past: An Interview with Victor Buchli and Gavin Lucas. *Journal of Contemporary Archaeology*, vol. 1 (2): 265-276.
- GOULD, Richard A. 1980. *Living Archaeology*. Cambridge University Press, Cambridge.
- GOULD, Richard A. 2007. *Disaster Archaeology*. University of Utah Press, Salt Lake City.
- GOULD, Richard A. & SCHIFFER, Michael (Org.). 1981. *Modern Material Culture: The Archaeology of Us*. Plenum Press, New York.
- GRAVES-BROWN, Paul. 2000a. Introduction. In GRAVES-BROWN, Paul (Org). *Matter, Materiality and Modern Culture*. Routledge, London. pp. 1-9.
- GRAVES-BROWN, Paul. 2000b. *Matter, Materiality and Modern Culture*. Routledge, London.
- GRAVES-BROWN, Paul, HARRISON, Rodney & PICCINI, Angela. 2013. Introduction. In GRAVES-BROWN, Paul, HARRISON, Rodney & PICCINI, Angela (Org). *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Contemporary World*. Oxford University Press, Oxford. pp. 1-23.
- GUTIÉRREZ, L., TORRES, Irene Montilla, GUERRERO, Maria Luisa Canabate, GARCÍA, A., SÁNCHEZ, A. & MOLINOS, Manuel Molinos. 1996. Arqueología para después de una feria. *Arqueología Espacial*, vol. 15: 149-184.
- HALL, Martin. 2000. *Archaeology and the Modern World: Colonial Transcripts in South Africa and the Chesapeake*. Routledge, London.
- HAMILAKIS, Yannis. 2011. Archaeological Ethnography: A Multitemporal Meeting Ground for Archaeology and Anthropology. *Annual Review of Anthropology*, vol. 40: 399-414.
- HAMILAKIS, Yannis & ANAGNOSTOPOULOS, Aris (Org.). 2009. *Archaeological Ethnographies (Public Archaeology, v.8, n. 2-3)*. Maney Publishing, Cambridge.
- HARRISON, Rodney. 2002. *Ngarranganni/Ngamungamu/Jalanijarra [Dreamtime/Old Time/This Time]: 'Lost Places', Recursiveness and Hybridity at Old Lamboo Pastoral Station, Southeast Kimberley*. Tese de Doutorado, Centre for Archaeology, Department of Anthropology, University of Western Australia, Perth.
- HARRISON, Rodney. 2004. *Shared Landscapes: Archaeologies of Attachment and the Pastoral Industry in New South Wales*. UNSW Press, Sydney.
- HARRISON, Rodney. 2011. Surface assemblages. Towards an archaeology in and of the present. *Archaeological Dialogues*, vol. 18 (2): 141-196.
- HARRISON, Rodney. 2013. *Heritage: Critical Approaches*. Routledge, Abingdon.
- HARRISON, Rodney. 2015. Beyond 'Natural' and 'Cultural' Heritage: Towards an Ontological Politics of Heritage in the Age of Anthropocene. *Heritage & Society*, vol. 8 (1): 24-42.
- HARRISON, Rodney & SCHOFIELD, John. 2009. Archaeoethnographies/ Autoarchaeologies: Introducing Archaeologies of the Contemporary Past. *Archaeologies*, vol. 52 (2): 185-360.
- HARRISON, Rodney & SCHOFIELD, John. 2010. *After Modernity: Archaeological Approaches to the Contemporary Past*. Oxford University Press, Oxford.

- HARRISON, Rodney, WILKIE, Laurie, GONZÁLES-RUIBAL, Alfredo & HOLTORF, Cornelius. 2014. Editorial. *Journal of Contemporary Archaeology*, vol. 1 (1): 1-6.
- HICKS, Dan. 2010. The Material-Cultural Turn: Event and Effect. In HICKS, Dan & BEAUDRY, Mary C. (Org). *The Oxford Handbook of Material Culture Studies*. Oxford University Press, Oxford. pp. 25-98.
- HODDER, Ian. 1987. Bow Ties and Pet Foods: Material Culture and Change in British Industry. In HODDER, Ian (Org). *The Archaeology of Contextual Meanings*. Cambridge University Press, Cambridge. pp. 11-19.
- HOLBRAAD, Martin, PEDERSEN, Morten Axel & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2014. The Politics of Ontology: Anthropological Positions. *Cultural Anthropology Online*, vol. (<<http://www.culanth.org/fieldsights/462-the-politics-of-ontology-anthropological-positions>>). Acessado em 24 de Outubro de 2014.
- HOLTORF, Cornelius. 2004. Incavation-Excavation-Exhibition. In BRODIE, Neil & HILLS, Catherine (Org). *Material Engagements: Studies in Honour of Colin Renfrew*. University of Cambridge, McDonald Institute for Archaeological Research, Cambridge. pp. 45-54.
- HOLTORF, Cornelius & PICCINI, Angela (Org.). 2009. *Contemporary Archaeologies: Excavating Now*. Peter Lang, Bern, Switzerland.
- KIDDEY, Rachel. 2014a. *Homeless Heritage: Collaborative Social Archaeology as Therapeutic Practice*. Tese de Doutorado, Department of Archaeology, University of York, York. White Rose Etheses Online http://etheses.whiterose.ac.uk/6262/7/Kiddey_PhDthesis_fnal2014.pdf
- KIDDEY, Rachel. 2014b. Punks and Drunks: Counter Mapping Homelessness in Bristol and York. In SCHOFIELD, John (Org). *Who Needs Experts? Counter Mapping Cultural Heritage*. Ashgate Publishing Limited, Farnham. pp. 165-179.
- KIDDEY, Rachel & SCHOFIELD, John. 2011. Embrace the Margins: Adventures in Archaeology and Homelessness. *Public Archaeology*, vol. 10 (1): 4-22.
- KUKLICK, Henrika. 2011. Personal Equations: Reflections on the History of Fieldwork, with Special Reference to Sociocultural Anthropology. *Isis*, vol. 102 (1): 1-33.
- LATOUR, Bruno. 1998. *Pandora's Hope: Essays on the Reality of Science Studies*. Harvard University Press, Cambridge.
- LATOUR, Bruno. 1999. *We Have Never Been Modern*. Harvard University Press, Cambridge.
- LATOUR, Bruno. 2004. *Politics of Nature: How to Bring the Sciences into Democracy*. Harvard University Press, Cambridge.
- LATOUR, Bruno. 2013. *An Inquiry into Modes of Existence: An Anthropology of the Moderns*. Harvard University Press, Cambridge.
- LAW, John. 2004. *After Method: Mess in Social Science Research*. Routledge, Abingdon.
- LAW, John & URRY, John. 2004. Enacting the Social. *Economy and Society*, vol. 33 (3): 390-410.
- LEMONNIER, Pierre. 1992. *Elements for an Anthropology of Technology*. University of Michigan Museum of Anthropology, Ann Arbor.
- LEONE, Mark. 1973. Archeology as the Science of Technology: Mormon Town Plans and Fences. In REDMAN, Charles L. (Org). *Research and Theory in Current Archeology*. John Wiley & Sons, New York. pp. 125-150.
- LEONE, Mark. 2005. *The Archaeology of Liberty in an American Capital: Excavations in Annapolis*. University of California Press, Berkeley.
- LEONE, Mark. 2009. Making Historical Archaeology Postcolonial. In MAJEWSKI, Teresita & GAIMSTER, David (Org). *International Handbook of Historical Archaeology*. Springer, New York. pp. 159-168.
- LEONE, Mark. 2010. *Critical Historical Archaeology*. Left Coast Press, Walnut Creek.
- LEONE, Mark & POTTER JR., Parker B. (Org.). 1999. *Historical Archaeologies of Capitalism*. Springer, New York.

- LEROI-GOURHAN, Andre. 1943. *L'homme et la matière*. Albin Michel, Paris.
- LUCAS, Gavin. 2004. Modern Disturbance: On the Ambiguities of Archaeology. *Modernism/modernity*, vol. 11 (1): 109-120.
- LUCAS, Gavin. 2005. *The Archaeology of Time*. Routledge, London.
- LUCAS, Gavin. 2006. Historical Archaeology and Time. In HICKS, Dan & BEAUDRY, Mary C. (Org). *The Cambridge Companion to Historical Archaeology*. Cambridge University Press, Cambridge. pp. 34-47.
- LUCAS, Gavin. 2010. Time and the Archaeological Archive. *Rethinking History*, vol. 14 343-359.
- LURY, Celia & WAKEFORD, Nina. 2012. *Inventive Methods: The Happening of the Social*. Routledge, Abingdon.
- LYDON, Jane. 2009. *Fantastic Dreaming: The Archaeology of an Aboriginal Mission*. AltaMira Press, Lanham.
- MACDONALD, Sharon & BASU, Paul (Org.). 2007. *Exhibition Experiments*. Blackwell Publishers, Malden.
- MARSHALL, Yvonne & ALBERTI, Benjamin. 2014. A Matter of Difference: Karen Barad, Ontology and Archaeological Bodies. *Cambridge Archaeological Journal*, vol. 24 (1): 19-36.
- MATTHEWS, Christopher. 2010. *The Archaeology of American Capitalism*. University Press of Florida, Gainesville.
- MAY, Sarah, ORANGE, Hilary & PENROSE, Sefryn. 2012. *The Good, the Bad and the Unbuilt: Handling the Heritage of the Recent Past*. Archaeopress, Oxford.
- MCATACKNEY, Laura. 2011. Peace Maintenance and Political Messages: The Significance of Walls during and after the Northern Irish 'Troubles'. *Journal of Social Archaeology*, vol. 11 (1): 77-98.
- MCATACKNEY, Laura. 2013. Sectarianism. In GRAVES-BROWN, Paul, HARRISON, Rodney & PICCINI, Angela (Org). *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Contemporary World*. Oxford University Press, Oxford. pp. 232-246.
- MCATACKNEY, Laura. 2014. *An Archaeology of the Troubles: The Dark Heritage of Long Kesh/Maze Prison*. Oxford University Press, Oxford.
- MCATACKNEY, Laura, PALUS, Matthew & PICCINI, Angela (Org.). 2007. *Contemporary and Historical Archaeology in Theory: Papers from the 2003 and 2004 CHAT Conferences*. Archaeopress, Oxford.
- MCGUIRE, Randall H. 2008. *Archaeology as political action*. University of California Press, Berkeley/ Los Angeles/ London.
- MCGUIRE, Randall & PAYNTER, Robert (Org.). 1991. *The Archaeology of Inequality*. Blackwell Publishers, Oxford.
- MESKELL, Lynn. 2005. Archaeological Ethnography: Conversations around Kruger National Park. *Archaeologies: Journal of the World Archaeological Congress*, vol. 1 (1): 81-100.
- MESKELL, Lynn. 2012. Archaeological Ethnography: Materiality, Heritage and Hybrid Methodologies. In SHANKLAND, David (Org). *Archaeology and Anthropology: Past, Present and Future*. Berg, London. pp. 133-144.
- MOSHENSKA, Gabriel. 2013. Conflict. In GRAVES-BROWN, Paul, HARRISON, Rodney & PICCINI, Angela (Org). *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Contemporary World*. Oxford University Press, Oxford. pp. 351-363.
- MROZOWSKI, Stephen A. 2014. Imagining an Archaeology of the Future: Capitalism and Colonialism Past and Present. *International Journal of Historical Archaeology*, vol. 18 (2): 340-360.
- MULLINS, Paul R. 1999. *Race and Affluence: An Archaeology of African America and Consumer Culture*. Plenum Press, New York.
- MULLINS, Paul R. 2010. Race and Class. In LYDON, Jane & RIZVI, Uzma Z. (Org). *Handbook of Postcolonial Archaeology*. Left Coast Press, Walnut Creek. pp. 375-385.
- MYERS, Adrian & MOSHENSKA, Gabriel (Org.). 2011. *Archaeologies of Internment*. Springer, New York.

- NEWLAND, Cassie, BAILEY, Gregory, SCHOFIELD, John & NILSSON, Anna. 2007. Sic Transit Gloria Mundi. *British Archaeology*, vol. 92 16-21.
- OLIVIER, Laurent. 2000. L'impossible archéologie de la mémoire: À propos de W ou le souvenir d'enfance de Georges Perec. *European Journal of Archaeology*, vol. 3 (3): 387-406.
- OLIVIER, Laurent. 2004. The Past of the Present: Archaeological Memory and Time. *Archaeological Dialogues*, vol. 10 (2): 204-213.
- OLIVIER, Laurent. 2008. *Le sombre abîme du temps: Archéologie et mémoire*. Seuil, Paris.
- OLSEN, Bjornar & PÉTURSDÓTTIR, Póra (Org.). 2014. *Ruin Memories: Materialities, Aesthetics and the Archaeology of the Recent Past*. Routledge, Abingdon.
- OLSEN, Bjornar, SHANKS, Michael, WEBMOOR, Timothy & WITMORE, Christopher. 2012. *Archaeology: The Discipline of Things*. University of California Press, Berkeley/ Los Angeles/ London.
- ORANGE, Hilary (Org.). 2015. *Reanimating Industrial Spaces: Conducting Memory Work in Post-Industrial Societies*. Left Coast Press, Walnut Creek.
- ORSER, Charles E. 2003. *Race and Practice in Archaeological Interpretation*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia.
- ORSER, Charles E. 2007. *The Archaeology of Race and Racialization in Historic America*. University Press of Florida, Gainesville.
- PENROSE, Sefryn. 2007. *Images of Change: An Archaeology of England's Contemporary Landscape*. English Heritage, Swindon.
- PINK, Sarah. 2009. *Doing Sensory Ethnography*. Sage, London.
- PINK, Sarah. 2012. *Situating Everyday Life: Practices and Places*. Sage, London.
- PINK, Sarah & MORGAN, Jennie. 2013. Short-Term Ethnography: Intense Routes to Knowing. *Symbolic Interaction*, vol. 36 (3): 351-361.
- PINK, Sarah, MORGAN, Jennie & DAINITY, Andrew. 2014. The Safe Hand: Gels, Water, Gloves and the Materiality of Tactile Knowing. *Journal of Material Culture*, vol. 19 (4): 425-442.
- POVINELLI, Elizabeth A. 2012. The Will to Be Otherwise/the Effort of Endurance. *South Atlantic Quarterly*, vol. 111 (3): 453-457.
- POWERS, Natasha & SIBUN, Lucy. 2013. Forensic Archaeology. In GRAVES-BROWN, Paul, HARRISON, Rodney & PICCINI, Angela (Org). *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Contemporary World*. Oxford University Press, Oxford. pp. 40-53.
- RABINOW, Paul. 2008. *Marking Time: On the Anthropology of the Contemporary*. Princeton University Press, Princeton.
- RABINOW, Paul. 2011. *The Accompaniment: Assembling the Contemporary*. University of Chicago Press, Chicago.
- RABINOW, Paul & DAN-COHEN, Talia. 2006. *A Machine to Make a Future: Biotech Chronicles*. Princeton University Press, Princeton.
- RABINOW, Paul, MARCUS, George E., FAUBION, James & REES, Tobias. 2008. *Designs for an Anthropology of the Contemporary*. Duke University Press, Durham.
- RATHJE, William L. 1979. Modern Material Culture Studies. *Advances in Archaeological Method and Theory*, vol. 2 1-37.
- RATHJE, William L. 1991. Once and Future Landfills. *National Geographic*, vol. 179 (5): 116-134.
- RATHJE, William L. 2001. Integrated Archaeology: A Garbage Paradigm. In BUCHLI, Victor & LUCAS, Gavin (Org). *Archaeologies of the Contemporary Past*. Routledge, London. pp. 63-76.

- RATHJE, William L. & MURPHY, Cullen. 1992. *Rubbish! The Archaeology of Garbage*. HarperCollins, New York.
- REDMAN, Charles L. (Org.). 1973. *Research and Theory in Current Archeology*. John Wiley & Sons, New York.
- RICO, Trinidad. 2014. The Limits of a 'Heritage at Risk' Framework: The Construction of Post-Disaster Cultural Heritage in Banda Aceh, Indonesia. *Journal of Social Archaeology*, vol. 14 (2): 157-176.
- SALWEN, Bert L. 1973. Archeology in Megalopolis. In REDMAN, Charles L. (Org). *Research and Theory in Current Archeology*. John Wiley & Sons, New York. pp. 151-163.
- SCHIFFER, Michael. 1991. *The Portable Radio in American Life*. University of Arizona Press, Tucson.
- SCHIFFER, Michael. 2000. Indigenous Theories, Scientific Theories and Product Histories. In GRAVES-BROWN, Paul (Org). *Matter, Materiality and Modern Culture*. Routledge, London. pp. 172-196.
- SCHLANGER, Nathan. 1994. The Trials of the Gas Mask: An Object of Fumbling. *Configurations*, vol. 2 (2): 275-300.
- SCHUYLER, Robert L. 1978. The Spoken Word, the Written Word, Observed Behavior, and Preserved Behavior: The Contexts Available to the Archaeologist. In SCHUYLER, Robert L. (Org). *Historical Archaeology: A Guide to Substantive and Theoretical Contributions*. Baywood Press, Farmingdale. pp. 267-277.
- SHANKS, Michael. 2012. *The Archaeological Imagination*. Left Coast Press, Walnut Creek.
- SHANKS, Michael & TILLEY, Christopher. 1992. *Re-Constructing Archaeology - Theory and Practice*. Routledge, London/ New York.
- SILLIMAN, Stephen W. 2004. *Lost Laborers in Colonial California: Native Americans and the Archaeology of Rancho Petaluma*. University of Arizona Press, Tucson.
- SINGLETON, Theresa A. 1999. *"I, Too, Am America": Archaeological Studies of African-American Life*. University Press of Virginia, Charlottesville.
- STRATTON, Michael & TRINDER, Barry. 2000. *Twentieth Century Industrial Archaeology*. Routledge, London.
- TARLOW, Sarah. 2007. *The Archaeology of Improvement in Britain, 1750-1850*. Cambridge University Press, Cambridge.
- VIDAL, Fernando & DIAS, Nelia (Org.). 2015. *Endangerment, Biodiversity and Culture*. Routledge, Abingdon.
- VOSS, Barbara. 2008. *The Archaeology of Ethnogenesis: Race and Sexuality in Colonial San Francisco*. University of California Press, Berkeley.
- VOSS, Barbara. 2010. Matter out of Time: The Paradox of the "Contemporary Past." *Archaeologies*, vol. 6 (1): 181-192.
- WILKIE, Laurie. 2006. Documentary Archaeology. In HICKS, Dan & BEAUDRY, Mary C. (Org). *The Cambridge Companion to Historical Archaeology*. Cambridge University Press, Cambridge. pp. 13-33.
- WURST, LouAnn & MROZOWSKI, Stephen A. (Org.) 2014. Studying History Backward: Toward an Archaeology of the Future. Special Issue. *International Journal of Historical Archaeology*, vol. 18 (2): 205-373.
- YANEVA, Albena. 2013. Actor-Network-Theory Approaches to the Archaeology of Contemporary Architecture. In GRAVES-BROWN, Paul, HARRISON, Rodney & PICCINI, Angela (Org). *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Contemporary World*. Oxford University Press, Oxford. pp. 121-134.
- ZIMMERMAN, Larry J. 2013. Homelessness. In GRAVES-BROWN, Paul, HARRISON, Rodney & PICCINI, Angela (Org). *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Contemporary World*. Oxford University Press, Oxford. pp. 336-350.
- ZIMMERMAN, Larry J., SINGLETON, Courtney & WELCH, Jessica. 2010. Activism and Creating a Translational Archaeology of Homelessness. *World Archaeology*, vol. 42 (3): 443-454.

ZIMMERMAN, Larry J. & WELCH, Jessica. 2011. Displaced and Barely Visible: Archaeology and the Material Culture of Homelessness. *Historical Archaeology*, vol. 45 (1): 67-85.